

Artigo recebido em 10/04/2023 e aprovado em 30/04/2023.

O projeto escolar *Entre Idas e Vindas e as cartas que entrelaçam*

Resumo

O presente texto é um recorte de uma pesquisa em nível de mestrado, no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima (PROFHISTORIA/UFRR). Trata-se de um relato de experiência vivenciada com os alunos do 7º ano de uma escola particular da cidade de Boa Vista - Roraima em intercâmbio com a comunidade indígena Bananal localizada no município de Pacaraima – Roraima, a atividade envolveu troca de cartas entre os alunos das duas localidades e que foram analisadas a partir de um recorte de assuntos recorrentes nas cartas.

Palavras – chave: Ensino de História. Ensino de História indígena. Educação. Cartas.

*Licenciada e Bacharel em História pela UFRR; Mestre em Ensino de História PROFHISTÓRIA; Professora efetiva da Secretaria de Educação de Roraima; Pesquisadora do Ensino de História; Supervisora do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/História/UFRR/2022-2024).

Abstract:

The present text is a part of a research at master's level, in the scope of the Professional Master's Degree in History Teaching at the Federal University of Roraima (PROFHISTORIA/UFRR). It is a report of an experience with 7th grade students of a private school in the city of Boa Vista - Roraima in exchange with the indigenous community Bananal located in the municipality of Pacaraima - Roraima, the activity involved the exchange of letters between students from both locations and were analyzed from a selection of issues recurring in the letters.

Key-words: *History Teaching. Indigenous History Teaching. Education. Letters.*

1. Introdução

Na presente pesquisa apresentamos o passo a passo de desenvolvimento e análise de cartas produzidas no projeto escolar Entre Idas e Vindas: Cartas que entrelaçam, projeto escolar que deu origem a primeira dissertação defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima (PROFHISTORIA/ UFRR) no ano de 2022¹.

A dissertação na qual este texto faz parte, se debruça para além do projeto escolar Entre Idas e Vindas: Cartas que entrelaçam, verifica como a temática indígena está inserida no Documento Curricular de Roraima (DCR), nos cursos de Licenciatura em História e nos mestrados das universidades públicas no Estado de Roraima: a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a Universidade Estadual de Roraima (UERR), bem como finaliza com um produto educacional fruto de inúmeras reflexões, um cadernos de sequências didática para 6º e 7 anos, que tem como foco o Ensino de História Indígena, no qual coloca como centro, as produções de autores indígenas que pode e devem ser utilizados na educação básica.

O interesse das professoras e dos professores pelo ensino de História Indígena tem crescido a cada ano, principalmente em decorrência da aprovação da lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígenas nas escolas públicas e privadas no país. O número crescente de publicações em torno do debate étnico racial problematizando os silenciamentos, os estereótipos ou ainda divulgando práticas docentes que incentivem a reflexão histórica, é notável. Com intuito de inspirar outras professoras e outros

¹ Com o título de **Ensino de História Indígena - uma proposta de sequência didática a partir do projeto escolar Entre Idas e Vindas: cartas que entrelaçam** a dissertação completa, com produto educacional, pode ser acessada em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/717739>

professores para que levem esse tema tão urgente para nossas salas de aulas é que este texto foi escrito.

2. *A gênese do projeto escolar*

No terceiro ano como professora de História, em 2016, atuando em escola particular, na cidade de Boa Vista-RR, em conversa informal, a supervisora da escola contou sobre um projeto que lhe chamara atenção: se tratava do registro, por meio da fotografia, de alunos indígenas e não indígenas no Amazonas. Eu nunca soube muito bem o teor de tal projeto, mas, de alguma maneira, aquele tema e, talvez, uma possível troca dessas fotografias ficaram registradas na minha memória.

No ano de 2017 a partir de uma conversa com a professora Leidiane Leite, de Língua Portuguesa, decidimos montar uma atividade interdisciplinar que resolveria uma dificuldade da disciplina de língua portuguesa (a escrita de carta pessoal sem um destinatário que pudesse se comunicar com os alunos) e ainda traria mais significado para as aulas de história, ao trabalhar o processo de “colonização do Brasil”, uma vez que já havia sido identificado que no livro didático adotado pela instituição, especialmente nesse período em questão, os indígenas eram retratados apenas como seres do passado². Nascia assim, a atividade *Entre idas e vindas*: cartas que entrelaçam, que consistia na troca de cartas entre os alunos do sétimo ano do Centro de

²Via de regra, o uso do livro didático em escolas particulares não é opcional, cabendo ao professor além de trabalhar os conteúdos programáticos a resolução dos exercícios juntamente com o alunado. Sabemos que os livros didáticos têm mudado muito ao longo dos anos e já temos no mercado livros com discursões e atividades mais diversas que problematizam os povos indígenas na sua pluralidade, mas em 2017, o livro adotado pela instituição ainda trazia esse infortúnio.

Educação do Serviço Social do Comércio - SESC, situada na cidade de Boa Vista/RR, e os alunos indígenas de diferentes anos da escola estadual Indígena Tuxaua Bento Louredo da Silva, localizada na Comunidade Indígena Bananal, pertencente ao município de Pacaraima (RR)³.

A atividade teve duração de aproximadamente seis meses. Nesse período, pudemos observar o quanto os alunos de Boa Vista, a cada carta, descobriam coisas jamais imaginadas sobre os alunos da comunidade. As informações que obtinham ao longo do tempo por intermédio das cartas iam de encontro aos estereótipos construídos durante suas vidas, os quais são reforçados pelo senso comum em diferentes espaços e pelas mídias e, conseqüentemente, formam suas representações sociais.

Entre os motivos principais para a realização da pesquisa com tal temática, está o fato de geograficamente estar em um estado com muitas comunidades indígenas e proporcionalmente em relação à população total, somos o estado com a maior população indígena do país. Desse modo, a atividade *Entre idas e vindas: Cartas que entrelaçam* mudou a forma como alunos e professores envolvidos compreendessem a questão indígena.

3. *A comunidade bananal*

Em meados de março de 2017 fomos visitar a comunidade Bananal, localizada no município de Pacaraima, distante 214 km de Boa Vista. A comunidade se localiza aos pés da Serra Waipa Tüpüque, que, em taurepang, quer dizer “Serra da Maloca” e está a 200 km de Boa Vista. O acesso não é difícil, seguimos o direcionamento descrito por algumas pessoas que estavam na

³ A comunidade foi escolhida devido a outra ação do SESC/RR que ocorreria ainda aquele ano, que não tinha ligação direta com as atividades da escola, mas com outros aspectos da política institucional, que eram destinadas à saúde e lazer. Por ser uma comunidade mais “afastada” da cidade, resolvemos ir conhecê-la e verificar a possibilidade da realização da atividade “cartas”.

feira de Sorocaima, as margens da BR-174, que dá acesso por uma estrada de chão ao Bananal. Antes de chegar ao nosso destino, passamos por outras comunidades, visto que o Bananal é a última comunidade da estrada.

Ao chegarmos à comunidade, temos a impressão de que fomos transportados para um enorme quadro de belezas naturais, com todos os detalhes muito bem escolhidos, onde o silêncio e a sensação de paz reinam. Saindo da estreita estrada de terra, a visão é tomada por vários tons de verde que nem sabíamos ser possível a existência. Um enorme tapete verde de uma vegetação rasteira que acompanha boa parte da comunidade. Ao fundo e majestosa, está a Serra Waipa Tüpüque, onde ao chegar no “campo aberto” que é muito utilizado para as práticas de esporte como futebol e vôlei, é possível ter uma visão privilegiada de toda a extensão da serra.

Imagem 1. Professoras Hstéffany Muniz e Leidiane Leite, ao fundo Serra Waipa Tüpüque



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Passando o deslumbre inicial, procuramos os responsáveis da comunidade para que pudéssemos apresentar nossa proposta de projeto, que naquela altura, queríamos com todas as nossas forças, que fosse naquela comunidade. Como não-índios que somos, e nunca ter vivenciado uma experiência como aquela, levamos todo tipo de parafernália possível, computador, data show e, claro, preparamos slides com os objetivos do projeto, além de fotos da nossa escola e toda nossa boa vontade. Pedimos informações de onde ficava a escola da comunidade e fomos surpreendidos mais uma vez. A escola, que não lembrava em nada a aquilo que estávamos acostumados, uma vez que o que encontramos foram 3 ou 4 pequenas construções, com “paredes” que iam até pouco mais da cintura, de tijolos sem nenhum reboco, com um telhado simples, chão de terra batida e umas poucas cadeiras. Não havia nenhum movimento de que ali aconteciam aulas no momento, estava vazia, depois descobriríamos que era o dia da semana que não havia aula, pois era o dia que esses alunos ajudavam na venda de produtos na feira de Sorocaima, pois, sendo adventistas do sétimo dia as vendas não aconteciam no sábado e sim na sexta, o dia que escolhemos para fazer a visita.

Na parte da frente das “salas, havia outra construção, essa um pouco mais estruturada, com cerca de 3 (três) pequenas salas, onde por uma pequena placa indicava o funcionamento da secretaria da escola/direção, a biblioteca e uma outra sala da educação infantil ou ensino fundamental anos iniciais. Ali encontramos um funcionário da escola, nos apresentamos e perguntamos sobre com quem poderíamos falar acerca de uma proposta de projeto a ser feito na escola da comunidade. Um banho de água fria nos foi dado, o tuxaua estava em Boa Vista e o diretor da escola não se encontrava no momento.

Imagem 2. Salas de aulas e ao fundo a Serra WaipaTüpüque



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

O funcionário que nos recebeu, tratava-se do professor Ezequiel Weber, que pacientemente e com muita educação, perguntou se poderia ajudar em algo, e nos convidou a sentar em umas cadeiras que estavam dispostas para o lado oposto das salas de aula, de frente a serra Waipa Tüpüque, e nos ouviu falar sobre o projeto que entre alguns objetivos, desejava desconstruir a imagem que os nossos alunos tinham de comunidades indígenas e seus habitantes, imagem essa reforçada pelo livro didático com o qual tinham acesso e colocavam os indígenas como seres do passado, como se os mesmos tivessem ficado estáticos no tempo. Após a breve apresentação, em forma de conversa informal, o professor Ezequiel Weber nos informou que era uma espécie de professor de projetos da escola e que tinha gostado bastante da ideia e que estava disposto a participar com os alunos. Após essa conversa, perguntamos alguns detalhes técnicos, tais como quantidade de turmas e alunos. Não esperávamos um número tão pequeno de alunos, cerca de 10/15 estudantes, que estariam na

mesma faixa etária que os nossos alunos do 7º ano, que tinham cerca de 12 anos, porém prontamente o professor Ezequiel Weber nos sugeriu que fizéssemos com todos os alunos do ensino fundamental anos finais e ensino médio, cerca de 30 alunos. Inicialmente não achamos uma boa ideia a proposta, visto que no nosso entendimento os alunos não teriam afinidades por conta da idade, e o professor logo nos convenceu de que independente da idade eles poderiam se comunicar e conhecer pessoas novas e que logo encontrariam assuntos em comum que pudessem conversar.

Deixamos a comunidade aquele dia com duas certezas: a primeira era de que não só os alunos mudariam suas visões sobre as comunidades indígenas, nós também aprenderíamos muito com aquelas pessoas. A segunda é de que o professor Ezequiel Weber seria um grande parceiro e faria a mediação para que o projeto fosse aceito pelo tuxaua e a comunidade.

4. *Entre idas e vindas e a escrita das cartas*

Conforme identificamos, a escola SESC tinha uma quantidade de alunos, superior a quantidade de alunos da comunidade, ou seja, precisávamos fazer uma espécie de seleção. A professora de Leidiane Leite sugeriu que os alunos deveriam fazer uma carta de apresentação, sem identificação nominal, e sim com um “código”. A ideia era que as trocas de cartas mantivessem um “mistério” em relação aos nomes, ou seja, poderiam descrever características físicas ou de personalidade, mas que não ficassem presos aos nomes. Nossos alunos logo escolheram seus códigos baseados em suas vivências como “Netflix”, “Naruto” e alguns mais criativos como o “camisa amarela”. A escrita sem identificação de nome também foi incentivada na comunidade, e lá os alunos também se identificaram com suas vivências, tínhamos o “águia” e a Wakau, que significa borboleta em taurepang.

Quando idealizamos o projeto entre idas e vindas, pensamos em sugestões de temas a serem abordados a cada período de escrita de carta. A primeira delas, como mencionado, seria uma espécie de carta de apresentação, na qual os alunos fizeram desde a sua descrição física e de personalidade. Ainda nessa carta de apresentação escrita pelos alunos do SESC, é perceptível a curiosidade sobre o outro que nem ao menos tinha recebido a carta, perguntas como características físicas e o que gostar de fazer foram as mais mencionadas nas cartas de apresentação. Nas cartas seguintes incentivamos a escrita sobre os assuntos como festividades (dia das mães, festa junina) e outros temas que eram relevantes para eles como os jogos escolares interno.

A entrega das cartas era feita pelos professores, quando íamos até a comunidade para deixar as cartas dos alunos do SESC, e algumas vezes aguardamos que a resposta fosse escrita durante aquele dia, ou quando havia a programação de alguém da comunidade que viesse a Boa Vista, os alunos poderiam enviar por essa pessoa a resposta das cartas recebidas. Foi justamente nesse processo de idas e vindas que as cartas faziam que nos inspiramos para o nome da atividade, a cada carta recebida e enviada, acontecia o entrelaçamento de vidas e culturas que, talvez, se não fosse a atividade, não fosse possível acontecer.

Imagem 3. Professora Hstéffany Muniz (esquerda), os alunos e professor da comunidade, e professora Leidiane Leite (direita).
Momento de entrega de cartas na comunidade Bananal



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

5. As cartas produzidas

Durante a realização da atividade, foram lidas todas as cartas produzidas pelos alunos do SESC/RR e da comunidade Bananal e realizado o registro fotográfico delas. O objetivo da leitura dessas cartas, além de identificar que o proposto pela atividade estivesse sendo alcançado, era também de “fiscalizar” as conversas feitas pelos alunos para que não passasse nenhuma informação desencontrada ou mesmo de ruídos e desrespeitos.

A atividade envolveu toda a comunidade escolar e foi, particularmente, enriquecedora para as aulas de História. Percebemos que o conhecimento que se construía paulatinamente, pelo intercâmbio das cartas com as crianças e adolescentes indígenas sobre os seus cotidianos e o da comunidade, contribuía para desfazer uma série estereótipos. As cartas escritas pelos indígenas proporcionavam o contato com

um conhecimento diferente daquele mostrado pelo livro didático, que, comumente, retrata os indígenas como seres do passado, com hábitos de andar nus e praticar a antropofagia, os quais eram escravizados pelos portugueses.

Apesar da proposta da atividade ter sido concluída com êxito, encontramos alguns percalços no caminho: tivemos alguns problemas com a logística das cartas, tal qual a organização da correspondência; não foi possível que todos os alunos conseguissem responder em tempo hábil para o envio, conseqüentemente, em algumas remessas, houve alunos, tanto da comunidade quanto de Boa Vista, que ficaram sem a carta de resposta e ainda, que não temos o registro fotográfico organizado de quem estava se comunicando com quem, uma vez que há apenas o registro da carta em si, onde muitas vezes não há descrição do remetente, e em alguns casos nem mesmo o destinatário, informações essas que constavam apenas no envelope da respectiva carta.

Mesmo diante desses imprevistos, tivemos aproximadamente a troca de cerca de 200 cartas, as quais selecionamos, cerca de 27 (vinte e sete) para serem aqui analisadas. Optamos por explorar as cartas dos dois grupos de alunos, tanto os de Boa Vista quanto os da comunidade Bananal, uma vez que assim poderemos ter uma visão mais ampla sobre as impressões dos dois grupos e não uma visão limitada mostrando apenas as cartas de um grupo. As cartas escolhidas não estarão guiadas com a faixa etária ou sexo, mas no conteúdo das cartas propriamente dito.

É válido ainda ressaltar que, como a ideia inicial era manter um “mistério” em relação aos nomes, nas cartas constam apenas o código com os quais eles se identificam – em raríssimas cartas pode ser observado nome – muitas vezes sendo difícil identificar inclusive o sexo de quem escreve. A intenção da atividade sempre foi aproximar os alunos de culturas que não estão tão longe da

realidade deles, de modo que pudessem descobrir semelhanças e diferenças entre eles e os estudantes indígenas, embora vivessem em contextos bastante distintos. Dentre os assuntos abordados nas cartas optamos por dividi-los em cinco categorias: lazer, confraternizações, religião, identidade e descrição da comunidade.

6. Lazer

Um dos assuntos abordados que chamam nossa atenção nas cartas trocadas são as formas de lazer e diversão dos dois grupos em questão. Cada um à sua maneira descreve de modo simples as formas encontradas. Para os alunos de Boa Vista, as formas de lazer normalmente são aquelas ligadas a diversão encontrada na cidade, como praças e shopping.

Carta 17: *“Na carta você me perguntou o que eu costumo de fazer no fim de semana com meus familiares, bom eu não gosto de ficar muito tempo parada, tenho que fazer alguma coisa, no fim de semana costumo ir para a praça, shopping, cinema, etc ... sempre que posso dou uma fugidinha para andar de patins, sair da rotina e sempre bom.”*

Carta 3: *“... inclusive já estou ansiosa para visitar a comunidade de vocês acho que vou gostar muito de conhecer novos costumes e tradições diferentes da minha, eu sou católica, adoro ir ao cinema e ao shopping, eu adoro está em família e adoro conhecer coisas novas. que sejamos amigos (as).”*

Já os alunos da comunidade Bananal, descrevem como se divertem, e pelos relatos percebemos que normalmente são ligadas a natureza, como o banho em igarapé ou riacho e ainda a prática de esportes

Carta 1: *“... gosto de jogar bola ir paciar (sic) nas ruas e banhar no rio...”*

Carta 7: *“... não tenho preferência, gosto de tomar banho no igarapé junto com os amigos mas vou lhe contar uma coisa que*

você não conhece você quer saber? Vou contar a água do igarapé é bem frio como se fosse da geladeira, bem de manhazinha podemos ver tipo uma fumaça saindo do nosso corpo e isso portanto eu deixo meus últimos recados... ”

Carta 11: “... gosto de assistir filmes românticos e ouvir hinos adventistas... gosto de cantar na igreja, nas minhas horas vagas o que mais gosto de fazer é: esportes, e brincadeira que é chamada socia ... gosto de tomar banho nos igarapés... ”

Carta 19: “Bom lavei a primeira resposta, da primeira pergunta:

Bom, junto com meus amigos me sinto ótimo, com meus familiares, também. Eu me sinto ótimo tomando banho no igarapé e na cachoeira.”

Ainda analisando sobre as formas de lazer, mesmo que em ambientes bem distintos, os alunos da cidade conseguem identificar práticas em comum. Vejamos o relato do aluno da carta 12, que, ao receber a carta do aluno da comunidade que possivelmente relata que nada no riacho e vive entre animais, a escrita que segue é a seguinte:

Carta 12: “Natureza e (sic) realmente linda! Eu amo nadar em riacho, amo a água (sic)

Deve ser muito legal viver entre animais! Eu amo bichos, adoro ir no sítio da minha avó”

Assim como o aluno da carta 12, o aluno da carta 16 também percebe semelhanças com seu correspondente, uma vez que os dois têm o mesmo hábito de escrever músicas e poemas.

Carta 16: “Oi, tudo bem?

Eu acho que agente (sic) vai sida muito bem

Por que eu também gosto de escreve músicas, poemas, etc...

A gente nasceu no mesmo mês eu adorei

saber que você se parece com migo (sic)

Eu adoro come, brinca, assistir tv e escreve.

Eu sou um pouco gordo mas eu adoro esporte e comesei (sic) a jogar vôlei e fasso (sic) aula de dança.”

Nas leituras das cartas, observamos que os alunos notaram não apenas semelhanças com suas formas de lazer. Três cartas nos chamam atenção quanto ao relato de não haver lanchonetes, restaurantes, não fazer o uso de celular e ainda nunca ter ido ao cinema. São relatos de alunos da comunidade, onde eles escrevem sobre essas diferenças em comparação ao que foi escrito pelo aluno de Boa Vista, mas, em contrapartida, colocam a comunidade como um lugar muito bom e seguro.

Carta 2: *“Bom, para saber a verdade eu sou adventista, gosto de cantar na igreja e também você está convidado para vir conhecer a minha comunidade tem muitas coisas, tem um banho de igarapé, e também tem uma montanha que ajente (sic) sempre escala. e gosto de sair com meus amigos, para você saber a verdade aqui nos não temos lanchonete e nem restaurante. mas tem duas comunidades por perto, mas não é tão perto assim.”*

Carta 5: *“... Sou uma garota que nunca fui ao cinema. Não coleciono nada. Mais, obrigada pelos adesivos, gostei e você tem um bom gosto das coisas, nunca recebi um desses...”*

Carta 8: *“O que gosto de fazer é: jogar futebol, vôlei, tomar banho, estudar, e passear com minhas colegas, mas o que eu mais gosto mesmo é conversar e mexer celular. A minha vida é muito divertida.*

O lugar onde moro é simples não tem praça, não tem shopping e não tem festa. Mas lá onde moro é divertido tem cachoeira, tem serra do malocão que nos chamamos de ‘Waipa-Tüpiü’ onde todo domingo nos subimos essa serra.”

Carta 25: *“Oi! Suga no café tudo bem! Você me perguntou se eu tenho celular eu não tenho celular mas eu tenho um sonho de ganhar um tablete eu não tenho facebook, também não tenho instagram e snapchat. Gosto muito da minha comunidade pois aqui brinco pra valer sem medo de nada.”*

7. Confraternizações

Durante a realização da atividade, havia o incentivo para que os alunos escrevessem sobre seu cotidiano e acontecimentos. Acreditamos que, por esse incentivo, há tantos relatos sobre as festas de confraternizações, como dia das mães, arraial e também o evento esportivo da escola SESC, chamado JINSESC (Jogos Internos do Sesc) ou Paracopa (é uma extensão do JINSESC voltado para a inclusão e sensibilidade dos esportes voltados para as pessoas com deficiência).

Carta 10: *“Agora ‘eu’ lhe pergunto o que você fez para sua mãe nos dias dela? Eu dei uma carta para a minha e passei o dia todo ao lado dela! E você?”*

Aí na comunidade vocês fazem festa junina? Arraial? Aqui em Boa Vista tem vários arraiais, eu adoro!

E o dia dos namorados? Você gosta de alguém? Eu estudei o dia todo, rrsrrsr... e você?”

Carta 13: *“Por esses dias estar (sic) acontecendo o Boa Vista Junina, que estar (sic) sendo muito divertido, onde a cultura do nosso estado é realizar varios anos (sic), e no final de maio acabou o Jinsesc/Paracopa, onde e realizado vários esportes, eu competi em so que acabei perdendo em volei (o esporte que eu amo muito).”*

Carta 14: *“Aqui onde eu estudo, tivemos um evento escolar, o jinsesc e a Paracopa Sesc. O Jinsesc é como se fosse um evento de jogos entre turmas. Minha turma ganhou uma medalha de ouro no ping-pong, uma da prata no Handeball, e duas de prata no ping-pong e na natação. Eu participei ganhei a de bronze (obs: é duas de bronze, eu escrevi errado).*

Aqui em Boa Vista teve um show de um youtuber bem famoso, bem legal, pena que eu não pude ir...”

Carta 15: *“Sobre o dia das mães? você costuma abraçar sua mãe? e... sobre o dia dos namorados...? gosta de alguém? Prometo que vai ficar entre a gente!”*

Carta 17: *“Você me disse que gosta bastante de futebol e vôlei, mês passado teve o Jinsesc que são jogos escolares tem várias modalidades como handebol, futsal, vôlei, natação e ping-pong, joguei nas modalidades futsal e handebol, porém não chegamos a ganhar, gosto bastante de jogar vôlei, aqui na escola tem escolinha e pretendo começar a fazer essa aula...”*

Mesmo que não tenhamos a resposta sobre as perguntas feitas nessas cartas, podemos constatar que há uma tentativa de criar conexão. Nas cartas 10 e 15, há uma pergunta em comum sobre o dia das mães. Os remetentes têm ainda em comum a curiosidade sobre o dia dos namorados. O aluno da carta 15 vai além, perguntando se gosta de alguém e utiliza a expressão “prometo que vai ficar entre a gente”, o que pode ser caracterizado como uma conversa que só temos com quem temos amizade mais próxima.

8. *Religião*

As cartas escritas pelos alunos da comunidade Bananal chamam a nossa atenção para um assunto abordado quase que por unanimidade: a religião, seja no momento da apresentação pessoal, seja como uma atividade de lazer.

Carta 1: *“Ola tenho 13 anos sou adventista moro no Bananal...”*

Carta 6: *“... há já ia me esquecendo sou adventista.”*

Carta 4: *“Sou adventista me visto de maneira adequada. Gosto de salto, vestido e calça comprida sou divertida aos sábado e domingo gosto de ler. Deus utiliza diversas maneiras para se*

comunicar com as pessoas através dessa escrita finalizo minhas palavras.”

Carta 12: *“Você canta numa igreja?! Que legal, pena que a minha voz não foi feita pra cantar, sou péssima. Eu não ouço muito música evangélica, mas gosto quando ouço na igreja que as vezes vou”*

Carta 22: *“... A maioria da população aqui são religiosos, somos da igreja adventista do sétimo dia, é só pra você ficar sabendo, pra quando você vier (para cá) não ficar surpreso.”*

E, assim como nos outros assuntos abordados, como lazer e confraternização, remetente e destinatário conseguem encontrar semelhanças; nesse caso específico, a religião.

Carta 15: *“Oi Oi Mel é a mc coxinha novamente. Gostei muito de saber um pouco da sua história, achei bem legal e interessante... e vi que temos algumas coisas em comum; como: a cor dos olhos; a religião, etc... eu não frequento a igreja adventista mas sou de uma igreja bem legal, o nome da igreja é: Igreja da Paz; você conhece essa igreja?”*

9. Identidade

Quando decidimos realizar a atividade Entre Idas e Vindas: cartas que entrelaçam, um dos objetivos era que a percepção sobre os indígenas fosse ampliada, pois muitas vezes as características sobre esses povos é engessada, principalmente se levarmos em consideração como são abordados no livro didático, o que é reforçado pelo senso comum. Com a troca das cartas, pudemos identificar em vários trechos o interesse dos alunos de Boa Vista quanto a vários aspectos. A carta do aluno nº 22 nos demonstra uma riqueza de detalhes sobre uma pergunta feita.

Carta 22: *“Muito obrigada pelos parabéns.*

Estou estudando sobre o tema: A América portuguesa em disputa, não fala muito sobre os índios, a resposta para sua pergunta é, que não me sinto ofendida por ser chamada de índia, porque já estou acostumada com esse nome, e além do mais, esse nome não é muito citado aqui. Prefiro ser chamada de, quer dizer, esse mesmo nome mas com um complemento, 'Índia Taurepan', ou melhor só 'Taurepan'.

Siri não sei se você pensa como os outros, das cartas de uma colega minha perguntava se nós andamos nus aqui, não, nós não andamos nus somos índios que se veste normal, desde pequena nunca vi isso na comunidade, somos diferentes não usamos aqueles trages (sic), cocar enfeitado de pena não, como algumas etnias."

Podemos entender, a partir da resposta dada, que a pergunta feita poderia ser "você se sente ofendida por ser chamada de índia?". A explicação foi muito mais que um simples sim ou não, a aluna da carta 22 descreve como prefere ser chamada, não apenas com o nome "Índia", mas pelo nome do seu povo. Na carta 22 também há outro detalhe, a aluna questionasse a sua correspondente também pensa "como os outros", se referindo às outras cartas escritas pelos alunos de Boa Vista sobrepensar que eles, os alunos e pessoas que moram na comunidade, andam nus. A aluna da carta 22 esclarece que não, eles não andam nus, não usam trajes como cocar enfeitado de penas e que os índios daquela comunidade se vestem "normal".

Na carta 12, é notável que se trata de uma aluna de Boa Vista e que ela demonstra interesse nos assuntos abordados, pois, mesmo não sabendo o que é ser "Taurepang", ela se compromete a pesquisar e, nas palavras dela, "quem sabe um dia irei lhe visitar e poderei falar a sua língua". Aqui ficam claros a empatia e o interesse em conhecer com quem fala.

Carta 12: *"Hum... Laurepang?! (sic) Irei pesquisar sobre, para quem sabe, um dia eu irei lhe visitar e poderei falar a sua língua? Seria bem legal!*

...

Eu iria com grande prazer para sua comunidade, adoraria te conhecer pessoalmente Kaukau! ^-^”

Nas cartas 18 e 19, as respostas sobre a questão indígena, em especial ser chamado de índio, são mais objetivas.

Carta 18: *“Eu me sinto muito feliz por ser uma indígena Não concordo de ser chamada de nativos.”*

Carta 19: *“Resposta da segunda pergunta:*

Não sei te explicar isso mais, chamam a gente de indígena, porque aqui é uma comunidade Indígena. Conhecida pela feira da comunidade Bananal. ”

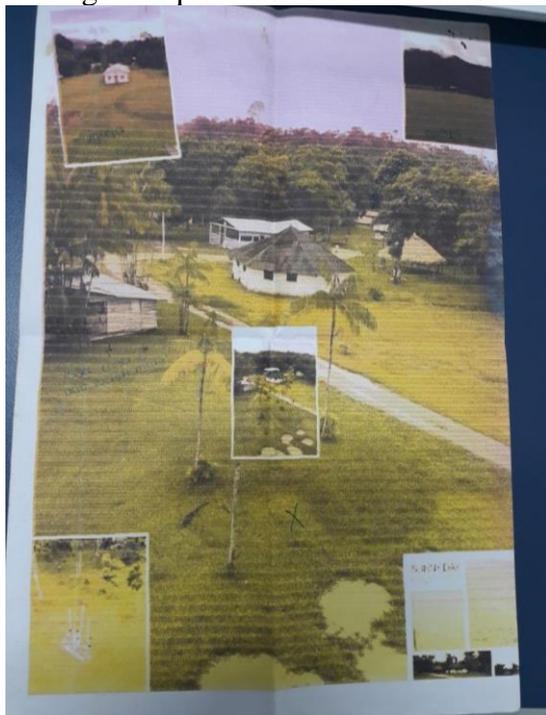
A carta 21 chama atenção por vários motivos. O primeiro deles é a extensão, essa é uma das maiores ou a maior carta produzida durante a realização da atividade e de que temos o registro. O segundo motivo é a riqueza de detalhes e organização. Terceiro, o remetente desta carta, ao descrever sua comunidade, incluiu ainda uma imagem do lugar. O aluno da carta 21 enfatiza, assim como o aluno da carta 22, que os indígenas que vivem na comunidade Bananal não são indígenas que usam roupa de palha. O aluno da carta 21 complementa ainda escrevendo que “não somos índios tradicionais”. Essa informação nos chama atenção, pois o que seria o índio tradicional para esse aluno?

Carta 21 (frente): *“agradeço por responder minha carta, primeiramente quero responder suas perguntas, você me perguntou, se eu tenho problema de ser chamado de índio, não é? Bom na verdade não temos, não somos aqueles índios que usam roupas de palhas, ainda mais que não somos índios tradicionais.*

2º pergunta, você me perguntou, o que eu quero ser quando eu crescer. bom, quando eu terminar meus estudos, quero ser um

enfermeiro ou medico. Pudim, eu lembrei que eu tinha uma imagem da comunidade Bananal, onde moramos, lutei, cansei em fim, mas encontrei no meio das papeladas. espero que você imagina o nosso lugar. Olhando essa imagem, você acha que vivemos sem roupas? Digo isso pq (sic) nas outras cartas, vem perguntando se usamos roupas normais. essa casa redonda é nosso malocão, e esse de palha é malocão também, e essa rocha é refeitório. vc nem imagina onde é minha casa. a minha casa é essa aí, que está escrito Stuâr! bem ai no centro, foram construídos 4 salas de aula. Lembrando que essa imagem é do ano de 2014, parece! e essa casa enorme, casa branco, é nossa igreja. essa imagem não mostra a comunidade inteira.”

Imagem 4. Imagem a que o aluno da carta 21 se refere



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Os trechos a seguir, apesar de serem objetivos, possuem em comum o fato dos alunos que as escreveram deixarem explícito que não se incomodam com o termo “índio”, uma vez que são “bonitos”. Assim como o aluno da carta 21, que afirma que os indígenas da comunidade Bananal não são “índios tradicionais” e nos perguntamos o que ele consideraria como índio tradicional? Seriam os mesmos que são representados em livros didáticos? Como seres do passado? Que andam nus? Quais motivos levaram os alunos das cartas 23, 24 e 26 a não “se importarem” de serem chamados de “índios” justificando que são bonitos? Nos perguntamos em que contexto essas crianças aprenderam que “índio” pode ser ofensa se você for “feio”, mas não se importam ou é elogio se você for “bonito”.

Carta 23: *“Olá garoto do livro fique muito feliz por receber sua carta. Não fico chateada quando me chamam de índia pois sou uma índia muito bonita (com muito orgulho)*

Bom o Brasil já era habitado por muitas pessoas antes de dizerem que tinham descoberto. Espero que chegue logo o dia para nos conhecermos.”

Carta 24: *“... Não fico chateada quando me chamam de índia. Porque sou uma índia muito bonita”*

Carta 26: *“Estou muito ansioso para te conhecer, e não me importo de ser chamado de indígena, pois sou bonito...”*

Um pouco diferente das respostas das cartas 23, 24 e 26 sobre o termo “índio” o aluno que escreve a carta 20, também de maneira sucinta, não fala em beleza, mas utiliza o termo respeito, que ele (a) “não se importa, mas que seja respeitado”.

Carta 20: *“... eu não me importo que me chamem de indígena, desde que seja respeitado...”*

Em várias outras cartas, percebemos que esse é um assunto de muita curiosidade dos alunos de Boa Vista, os trechos abaixo exemplificam outros tipos de perguntas. Pela resposta escrita na

carta 27, por exemplo, a pergunta facilmente poderia ter sido “você gosta de estudar História do Brasil? O que acha sobre a chegada dos europeus no Brasil, seria uma descoberta ou invasão?”. Eis a resposta:

Carta 27: *“Gosto muito de estudar sobre a História do Brasil e acho que foi uma invasão porque o mesmo já era habitado por muitos índios como eu.”*

A língua falada na comunidade também foi motivo de curiosidade. A carta 9 nos esclarece que, na comunidade Bananal, a língua falada que predomina é a Taurepang.

Carta 9: *“Vou responder sua curiosidade sobre a língua falada, eu sou macuxi só que não sou falante, mas o que na comunidade predomina é o Taurepang e é o que estou estudando no momento”.*

10. Descrição da comunidade

As belezas naturais da comunidade estão presentes em várias passagens das cartas. Os jovens estudantes da comunidade descrevem com muitos detalhes e podemos perceber nas palavras utilizadas o orgulho do lugar em que vivem. Na carta 9, inclusive, há um convite para conhecer o lugar. Não apenas os alunos indígenas escrevem sobre a comunidade nas cartas, os alunos de Boa Vista demonstram interesse em conhecer o local descrito pelos estudantes indígenas.

Carta 6: *“A minha comunidade é muito lindo, tem montanhas ao redor, cachoeiras, igarapés e muitos animais. A minha comunidade se chama Bananal por motivo de pés de bananas nativas.”*

Carta 9: *“Viver na comunidade indígena é tudo de bom a natureza nos trás paz, os riachos nos da alegria é onde na maior parte do meu tempo me divirto com os amigos não temos animais de estimação, num tem nada melhor que viver no meio de um zoológico natural onde temos porco do mato, cobra onça e todos*

tipos de animais parece assustador num é mesmo? Só que não, é maravilhoso, onde todos tem sua liberdade e seus limites. E quando chega a noite um silêncio total dos seres humanos e um movimento espetacular dos seres animais chamados bichos do mat. É legal. Você pode até imaginar, mas é mais maravilhoso você vivenciando. Será bem legal! Se um dia você quiser deixar a cidade e vim passar um fim de semana na minha comunidade, será bem vinda viu? ”

Carta 11: *“Na verdade para responder sua pergunta não é uma cidade é uma comunidade, tem energia de 24 horas.*

Aqui onde vivemos é uma comunidade indígena, moramos distante do município de Pacaraima, é um lugar muito bonito, é gramado, tem Serras que escalamos e cachoeiras, a comunidade tem a religião adventista, tem campo de futebol e outros, a comunidade não é muito grande, onde vivemos tem vários tipos de animais selvagens que de vez enquanto são vistos como: onça, anta, cobras, porcos da mata, capivara e os pássaros e tem vários tipos de frutas.”

Carta 17: *“Não vejo a hora de ir ai te conhecer e ver esta paisagem tão bonita das montanhas, você me disse que aí é um pouco frio, aqui é sempre quente, sempre mesmo...”*

11.A culminância e as cartas que entrelaçaram

Ao longo de quase seis meses e com muitos desafios, principalmente na logística de envio e recebimentos das cartas, finalmente chegou a hora do encontro entre remetentes e destinatários. Em outubro de 2017, era necessário organizar o grande encontro: a culminância do projeto. Primeiro de tudo, os alunos precisavam de autorização para a viagem, visto que dormiríamos na comunidade e retornaríamos apenas no dia

seguinte. Convidamos os pais para uma reunião na escola, para que pudessem conhecer os objetivos do projeto e tirar suas dúvidas. Após a reunião, entregamos o documento no qual autorizariam ou não a participação na culminância do projeto, na comunidade Bananal, em Pacaraima/RR.

É importante salientar que toda a estrutura de transporte de alunos e equipe de apoio ficou a cargo da administração do SESC, o ônibus para transportar os alunos até a comunidade foi uma parceria entre a instituição e o Exército brasileiro. A administração disponibilizou ainda uma equipe responsável pela alimentação não apenas dos alunos e equipe do SESC, mas foi pensado em toda a comunidade, de modo que as refeições pudessem ser compartilhadas por todos.

Em meio a logística para transportar toda a estrutura e levar os alunos até a comunidade, havia ainda a ansiedade por parte de alunos e professores para a chegada do grande dia. Expectativas haviam sido criadas, amizades foram feitas, segredos foram compartilhados. Como seria aquela pessoa com quem estavam se correspondendo?

Chegado o grande dia e com tudo pronto, fomos ao encontro da comunidade. A ansiedade tomava conta de todos, não só dos alunos, mas de toda a equipe que aguardou aquele momento. A comunidade em sua maioria é adventista do sétimo dia, fato que inviabilizou nossa ida próxima do fim de semana. Chegamos quase na hora do almoço e a instalação de todos durou até o início da tarde. Início da noite fizemos uma “abertura do evento”, fomos convidados pela comunidade a fazer uma grande roda de conversa, para ali fazer os agradecimentos necessários e finalmente dar aos alunos a oportunidade de conhecer quem estava se correspondendo por cartas com eles.

Imagem 5. Momento que os alunos puderam reconhecer com quem trocavam cartas – (2017)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Encorajamos nossos alunos a preparar algo especial para levar ao seu amigo destinatário da comunidade, alguns levaram coisas pessoais como uma pulseira que eles intitularam pulseira da amizade, outros levaram algo que compraram e outros fizeram os próprios presentes.

Infelizmente, nem todos os participantes alunos de Boa Vista puderam ir até a comunidade, o que foi frustrante para alguns estudantes da comunidade, que esperavam ali encontrar a pessoa com quem estavam se correspondendo. Durante a apresentação dos remetentes e destinatários, percebemos pelas reações a alegria e surpresa de encontrar com quem estavam conversando.

Após as apresentações, o tuxaua da comunidade repassou a programação do dia seguinte e explicou ainda algumas regras da comunidade que todos deveriam seguir, como respeitar o horário de silêncio, que iniciava as 22h. Em seguida, anunciou o jantar e todos foram convidados a se servir.

O dia seguinte foi marcado por uma vasta programação da comunidade, como o culto realizado na igreja da comunidade logo pela manhã. Como ficou evidente nas cartas, eles são muito ligados à religião, o culto foi para agradecer a nossa ida em segurança e pedia que chegássemos em nossas casas também em segurança.

Além do culto, fomos agraciados com apresentações de músicas religiosas, apresentações essas realizadas pelos alunos que participaram do projeto das cartas. Para além da programação religiosa, tivemos uma trilha por dentro da floresta até o rio que passa dentro da comunidade. Os alunos estavam muito empolgados. Visitamos ainda as plantações de abacaxi, que são famosas na região, e pudemos apreciara fruta recém colhida. Por fim, fomos apresentados ao processo de fabricação de farinha.

Durante a trilha, fizemos várias paradas, como demonstrado na imagem abaixo. Os líderes da comunidade expuseram sobre a história e construção do lugar e ainda sobre os modos de vida. Em resumo, a maioria trabalha dentro da própria comunidade como servidores públicos, como professor, ou no posto médico. Alguns trabalham nas plantações e nas outras etapas da produção até estar pronto para o produto ser vendido na feira de Sorocaima, às margens da BR-174. O processo de venda dos produtos envolve ainda os estudantes. Normalmente os produtos são vendidos às sextas-feiras e retornam para a comunidade antes das 18h.

Imagem 6. Aula a céu aberto da fundação da comunidade Bananal



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

12. Considerações Finais

A análise que fizemos, não esgota nem de longe os assuntos abordados nas correspondências feitas entre os alunos, muitas outras questões podem e devem ser levantadas a partir da escrita dessas cartas. Como dito anteriormente, das 200 cartas que foram produzidas durante o projeto, utilizamos apenas 27, tanto de alunos de Boa Vista como da Comunidade, e agrupamos por assuntos recorrentes nessas cartas. Pretendemos em outro momento, dar continuidade as análises de cartas abordando outros aspectos, por exemplo, algo que nos chama muito a atenção e seria de muito interesse nos debruçar sobre a forma como os próprios alunos da comunidade entendem e veem os indígenas.

O projeto escolar *Entre Idas e Vindas: Cartas que entrelaçam* foi o impulso para a escrita da dissertação que tem como título

“Ensino de História Indígena - uma proposta de sequência didática a partir do projeto escolar Entre Idas e Vindas: cartas que entrelaçam”, pois é a partir dessa experiência que surgem vários questionamentos e desdobramentos que nortearam a escrita dos capítulos e que também serviram de norte para o produto educacional proposto junto à dissertação. Para além da dissertação, esse texto que narra todo o projeto escolar, servirá para motivar outros professores a replicar, adaptar ou criar outras atividades enriquecedoras para alunas, alunos, professoras e professores da educação básica.

13.Referências Bibliográficas

Fontes manuscritas-Cartas produzidas pelos alunos durante a realização do projeto.